

JULIET GREY

Dias de Esplendor, Dias de Sofrimento

Tradução
Nuno Daun e Lorena

 Planeta

Para MZR...
cuja sugestão alterou o rumo da minha vida.
Merci mille fois.



Todas as rainhas deviam ser como as de Luís XIV e Luís XV, que só conheciam a paixão de fazer o bem... Uma rainha coroada com o único propósito de se divertir é uma aquisição fatal porque no fim quem paga é o povo.

INIMIGO ANÓNIMO DE MARIA ANTONIETA,
PRIMAVERA DE 1774



21 de Junho de 1786

O Sol projecta as maiores sombras do ano, mas no pátio do Palais de Justice elas são ainda maiores devido ao cadafalso erguido dois dias antes para permitir a reunião prodigiosa de uma multidão com cobertores, queijo, pão e vinho. Alguns sentiram-se atraídos ao Cour de Mai pelo som dos martelos dos carpinteiros, o que em si indicia qualquer coisa sensacional. Não há nada como uma exibição para lhes tirar os pensamentos dos bolsos vazios. Nem sequer interessa quem vai subir ao palco.

Outros, porém, sabem de quem estão à espera, apesar de os funcionários se terem recusado a anunciar a data e a hora do espectáculo para desencorajar os ajuntamentos. Os juízes do Parlamento já deviam ter aprendido, mas não, porque foi o que provocaram.

No interior da pequena cela da Conciergerie, a prisioneira está acordada desde madrugada na enxerga de palha que lhe serve de cama com o estômago às voltas de antecipação e os sovacos da camisa molhados de suor; apesar de ter feito amizade com os carcereiros, *madame* e *monsieur* Hubert, escusou-se a responder-lhes a perguntas manhosas sobre o seu marido e o seu amante; por agora tem a mente no seu destino e não no deles; também ouviu os martelos dos carpinteiros, mas espera que tenham sido em vão porque tem esperança de receber uma *lettre de cachet* a exilá-la para um qualquer distrito remoto ou para um convento para o resto da vida; até agora pensava-se incapaz de suportar a solidão e a hipocrisia no seio de uma série de penitentes piedosas do seu sexo, num conforto pouco melhor do que o que está a gozar às mãos do Estado, mas a cela dera-lhe que pensar.

Tendo passado a noite entre o sono e a vigília, a prisioneira sobressalta-se ao ouvir um cacete a bater na portinhola de madeira que tapa a pequena janela gradeada da porta que lhe permite alguma privacidade.

– *Allez-vous* – ordena uma voz rude.

Mais nada? A mulher tenta adivinhar o seu destino pelo tom da voz. Talvez a libertem, talvez não vá para um convento, talvez, afinal, não haja qualquer castigo. O povo acreditava na sua inocência, vira-lhe os rostos no julgamento, à espera de uma absolvição. Talvez aquelas três semanas na Conciergerie tenham satisfeito as autoridades.

– Vesti-vos! Depressa – berra o guarda no lado de fora da cela. A prisioneira atravessa, descalça, o chão frio de terra batida e põe-se em bicos dos pés para chegar ao postigo e olhar para o guarda através das grades. O homem mostra-lhe os dentes manchados de tabaco. – *Bonjour, ma belle* – acrescenta. A prisioneira sabe que aos trinta anos é mais bem-parecida do que bonita, mas por pudor fecha a portinhola, deixando só uma frincha para que a pouca luz lhe permita lavar-se e vestir-se junto do único mobiliário da cela, uma pequena mesa e uma cadeira. Passa água pelo rosto, pela *poitrine*, por baixo dos braços e entre as pernas, tira o gorro de dormir, passa os dedos pelos cabelos castanhos encaracolados, cedendo a um momento de vaidade põe um brinco em cada orelha, o que lhe dá o aspecto desafiador de uma *gitane*, sente-se satisfeita com a imagem que vê num pequeno caco de espelho, depois calça as meias, prende-as nas coxas com fitas pretas, enfia os pés num par de sapatos gastos e veste a combinação por cima da *chemise*, apertando-a com força no peito para que os seios apareçam por cima dos contornos do vestido simples que veste à pressa. Uma capa de lã, da cor do sangue seco, ornamentada com *passementeries* prateadas, coroa-lhe os ombros esbeltos.

– *Suis prête* – anuncia ela, abrindo a portinhola. – Estou pronta.

O guarda, o tenente Gabin, ameaçador no seu uniforme – a capa de capuz azul esconde-lhe as feições –, abre a porta e precede a prisioneira pela íngreme escada de caracol, o caminho habitual que a mulher faz todas as manhãs para tomar o pequeno-almoço – uma taça de chocolate e um pedaço de pão – com o casal Hubert. O oficial entra na sala oposta ao do alojamento dos carcereiros. A prisioneira segue-o, mas assim que passa pela porta ouve-a fechar-se com estrondo e escuta o respectivo ferrolho a correr, aprisionando-a como se fosse um animal feroz.

O coração sobe-lhe à boca ao voltar-se para identificar o som, mas sente-se virada de novo com brutalidade e agarrada por baixo dos braços por dois *gendarmes*. Os dedos dos pés arrastam pelo chão e pontapeiam as canelas dos seus captores enquanto é levada para a Sala de Registos adjacente, onde os dois homens lhe atam as mãos atrás das costas. Como não lhe taparam a boca, invectiva-os, chama-lhes cães e filhos-da-puta, mas eles riem-se.

Olhando em busca de ajuda, os seus olhos caem no rosto sombrio e na figura corpulenta de *monsieur* Breton, o funcionário do Tribunal, e de súbito recorda a conversa com *monsieur* Hubert, que lhe dissera que o secretário lhe leria a sentença oficial naquela manhã. É evidente que, se houvesse um adiamento, não a tratariam daquela maneira. Consciente do que se aproxima, os seus gritos angustiantes ecoam pelas paredes e colunas de pedra.

– *Non, non*, recuso-me a ouvir esse veredicto perverso! Recuso-me a dobrar os joelhos enquanto me ledes uma sentença proferida por um Parlamento corrupto, subornado pelos meus inimigos!

Assim que as palavras lhe saem da boca, os dois torturadores obrigam-na a ajoelhar-se, mas ela resiste-lhes e é mais feroz do que pensavam. Luta com todas as forças, mas fica suspensa pelos cotovelos, como um morcego, enquanto as pernas pontapeiam por baixo das saias.

As palavras de *monsieur* Breton não se ouvem, afogadas pelos gritos da acusada. Os esforços para se libertar dos guardas deixam-na exausta e está quase rouca quando é arrastada para o pátio brilhante de sol onde lhe põem uma corda ao pescoço, após o que a amarram numa carroça que a leva para o cadafalso como uma cabeça de gado a caminho do mercado.

A ralé reuniu-se para testemunhar a sua desgraça! Se tivesse as mãos livres, a mulher levá-las-ia aos olhos para os proteger do sol e para poder olhar para os telhados e janelas da *rue*, onde as pessoas se amontoam para a comer com os olhos. Não foi só a canalha, a ralé da capital, que se juntou para a ver envergonhada, foi também a aristocracia da qual ela descende, que pagou caro para ter o privilégio. Como consequência, a prisioneira não sabe que foram vendidos lugares, dentro e fora de portas, para testemunhar a execução da sua sentença e não repara num fidalgo muito bem vestido por trás de uma janela, na companhia de uma jovem atraente. A cortesã encosta-se a ele e o homem brinca-lhe distraidamente com um seio por baixo do corpete de seda azul. Na outra mão, o duque de Crillon tem um lornhão, um acessório utilizado em óperas e bailados, mas que naquele dia lhe oferece uma visão melhor da execução pública.

As sombras alongam-se à medida que se aproxima o meio-dia. A carroça pára junto da base do cadafalso e os dois *gendarmes* de casaco azul arrastam a acusada pela escada que vai dar à plataforma onde a espera o *bourreau*, o carrasco, perdendo quase o equilíbrio devido aos seus movimentos frenéticos. Chegada ao alto, a prisioneira perscruta a multidão à procura de um rosto amigável entre os milhares de bochechas rosadas sorridentes, entre as inúmeras crianças apinhadas contra os portões e os gradeamentos que cercam o pátio.

– Salvai-me! Salvai uma mulher inocente, uma descendente dos antigos reis de França!

De olhos arregalados de pânico, a mulher tenta libertar-se. Os seus gritos enchem o ar, mas o povo, esse, está ali pelo espectáculo.

Como um mágico a revelar uma ilusão, o *bourreau* levanta o pano negro que cobre uma mesa. Ao ver os instrumentos de tortura, ela solta outra torrente de impropérios contra os juízes do Parlamento e o cardeal de Rohan.

Os seus gritos, porém, são abafados pelos da multidão quando os guardas começam a despi-la, começando por lhe cortar as cordas que lhe amarraram os pulsos. A lâmina da faca de um dos homens cintila e no instante seguinte, com as mãos livres, a mulher atira-se a ele com as unhas.

– Não tenhas medo, *ma chère* – diz-lhe o carrasco como se estivesse a falar com uma criança, tirando um chicote de cima da mesa. Ela, porém, soluça de tal modo que não o ouve. – Isto demora pouco.

A visão do chicote desencadeia na prisioneira, que recorda as palavras da sua sentença, outro frenesim de agonia: *Condenada a ser açoitada e espancada com varas pelo executor público...*

Uma mão rude agarra-a pela parte de trás do vestido e um golpe rápido da faca corta a seda. A mulher, porém, não deixa que lhe tirem as mangas e ataca os seus captores de punhos cerrados. O oficial avisa-a, ridículo:

– Pára com isso ou ainda te magoamos.

As mangas também são cortadas à faca, revelando-lhe a *chemise* manchada de suor. A mulher atira a cabeça para trás. Uns ciscos errantes entram-lhe nos olhos arregalados de terror.

– Peço-vos, arrancai-me às mãos dos meus executores! – grita ela, estendendo os braços para os espectadores. – Se soffro esta ignomínia a culpa é minha porque bastava-me ter dito um nome para ser enforcada.

As costas têm de estar nuas para que a sentença seja legalmente cumprida. Com a jactância de um artista de feira o tenente pega no seu punhal e corta os laços que apertam a combinação. O gesto provoca assobios e gritos de

aprovação da multidão. Resta a cambráia leve da *chemise*, desnudando-lhe o torso e os seios erectos.

No outro lado do pátio, à janela, o duque de Crillon sente o coração a bater mais depressa e puxa a cortesã para si, encostando-lhe as calças de seda ao traseiro. O fidalgo escrevera ao advogado do cardeal, *monsieur Target*, para conseguir aquele ponto privilegiado: *Ardo de curiosidade por ver esta mulher espancada com as varas que vós, por assim dizer, lhe preparastes*. As outras salas do escritório do advogado, as da residência do duque de Brissac, ao lado, e as de muitas outras casas estão cheias de homens e mulheres de posses, petiscando maçapão e bebendo brande ou *champagne* enquanto gozam o infame espectáculo.

A acusada tenta esconder a nudez e algumas mães, no meio da multidão, tapam os olhos dos filhos enquanto o tenente agarra nos braços da mulher e os abre, colocando-a assim, sem querer, na posição de mártir.

– Que Madonna – grita um homem.

– *Era* capaz de a adorar! – berra outro.

O *bourreau* ordena aos soldados que virem a mulher para acabar com os dichotes e para que a multidão possa testemunhar a flagelação. A culpa ou inocência da vítima não lhe tira o sono à noite, está fora do seu alcance. À primeira chicotada a mulher grita:

– Salvai-me, meus amigos! Estão a profanar o sangue dos Valois!

O chicote cai mais dezanove vezes e a cada uma a alegria da multidão desaparece, substituída por algum aborrecimento. A flagelação está a ser executada muito superficialmente. O sangue é pouco. Um repolho, lançado da assistência, rola pelo cadafalso. Agora os gritos são para o carrasco.

– É mais um pró-forma do que outra coisa – observa um desiludido jornalista inglês que atravessou o canal de propósito para cobrir o espectáculo para o seu jornal londrino.

A mulher discordaria porque sente os vergões na pele a cada chicotada. Por fim o tormento acaba e ela tomba no sobrado do cadafalso no meio de uma tempestade incoerente de pragas, gritos e lágrimas. Os cabelos caem-lhe pelas costas, manchados de sangue.

O castigo só vai a meio. O clamor da multidão abafa o chiar do braseiro. Os guardas põem-na de pé para que receba o resto do castigo. *Marcada em cada ombro com um ferro em brasa...* O carrasco tira o instrumento de tortura das brasas e ergue-o para que a multidão veja o V de *voleuse* – ladra. Alguns espectadores gritam de excitação, outros arquejam e outros choram.

Segue-se um momento de silêncio terrível quando o *bourreau* se aproxima da mulher com o ferro em brasa. Por trás do capuz os seus pequenos olhos não têm expressão. O homem agarra no braço da mulher no mesmo momento em que o soldado o larga e ela aproveita o momento para fugir pela escada, mas tropeça no último degrau, cai de borco, esfolando as mãos e contorcendo-se de agonia, com as costas em sangue, com um único pensamento em mente: fugir ao carrasco.

Este, porém, que a perseguiu, não lhe dá qualquer hipótese; põe-na de joelhos e encosta-lhe o ferro em brasa ao delicado ombro esquerdo. Um vapor azulado flutua-lhe por entre os cabelos encaracolados. O cheiro faz alguns espectadores vomitarem nas pedras do pavimento. Uma criança esconde o rosto nas mãos.

O corpo da mulher é assaltado por convulsões tão violentas que o carrasco não consegue firmar o ferro, levando-o a falhar o alvo. O segundo V aterra na carne delicada do seio e não no ombro direito.

A mulher emite um uivo que faz estremecer as vidraças das janelas e provoca um arrepio na espinha da *inamorata* do duque de Crillon. Algumas mulheres da multidão choram, mas as suas lágrimas não se comparam às do rosto da prisioneira, de olhos arregalados e boca aberta numa careta terrível. Após outro espasmo prolongado a mulher consegue levantar-se, possesa do fogo das Fúrias e coloca as mãos cheias de sangue nos ombros largos do *bourreau*, como que para se equilibrar e com um rugido ferra os dentes num deles, perfurando o colete de couro e a carne.

Este emite um grito involuntário de choque.

Virando-se para a multidão, a mulher grita:

– A rainha! A rainha devia estar aqui no meu lugar. O meu único crime foi tê-la servido demasiado bem!

A saliva branca, quais flocos de neve, cai sobre a multidão e enche-lhe o queixo e os lábios. Por fim, transida de dor, a mulher desmaia e cai no chão no momento em que o céu azul parece escurecer.

Quão depressa os que estavam ali para gozar o castigo da mulher choram e a apelidam de mártir! As vozes, a princípio discretas, mas depois em crescendo, desatam a amaldiçoar *l'Autrichienne* – a cadela austríaca.

– Maria Antonieta é a verdadeira *voleuse*!

– A rainha gananciosa devia estar a sofrer este destino!

– *Monsieur le bourreau*, porque não *a* marcastes com esse ferro?